

“Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção”

Lilian Cristina Buzato Ritter

(doutoranda/UEM/PG-UEL/bliliancristina@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais do projeto “Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual” (UEL), cujos dados são análises de exemplares do gênero discursivo crônica produzidas em contexto de formação contínua com professores do ensino médio, especificamente, crônicas de Luís Fernando Verissimo. Teoricamente, ancoramo-nos na abordagem bakhtiniana e no estudo dos movimentos dialógicos discutido por Rodrigues (2005). Neste trabalho focalizamos somente a análise do contexto de produção, a qual demonstra que: a crônica constitui-se tanto da natureza jornalística quanto da literária; o papel social do cronista é apresentar uma visão recriada da realidade tanto por parte de sua capacidade ficcional como de comentarista, via humor e ironia; papel social do leitor é buscar diversão aliada à reflexão; a finalidade é provocar no leitor primeiro o riso, e depois, a reflexão; o horizonte temático refere-se às relações humanas instauradas nos mais diversos ambientes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; contexto de produção; análise lingüística.

ABSTRACT This paper presents partial results of the research project “Linguistic analysis: contextualization to the reading and writing practices” (UEL), whose data are analyses of the discursive genre chronicle, produced in context of continuous formation with High School teachers, specifically Luís Fernando Verissimo’s chronicles. Theoretically, we anchored the study in Bakhtin’s approach and in the study of dialogic relationships, discussed by Rodrigues (2005). In this paper we focused only on the analysis of the production context, which demonstrates that: the chronicle is constituted by the journalistic and the literary nature; the columnist's social paper is to present a reality vision recreated of his fictional capacity and of commentator, through humor and irony; the reader's social paper is looking for amusement

with the reflection; the purpose is to provoke in the reader, at first, the laughter, and then, the reflection; the thematic horizon refers to the human relationships established in the most several social atmospheres.

KEYWORDS: chronicle; context of production; linguistic analyses.

1 Introdução

Atualmente, ancorados no percurso metodológico de pesquisa em Linguística Aplicada, estamos engajados no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual” (UEL), que de forma bem geral, objetiva atender a demanda por instrumentos de reflexão mais adequados ao estudo de práticas contextualizadas de ensino gramatical, investindo na formação contínua do professor, via diagnóstico e intervenção, por meio de reflexão prática-teoria-prática.

Em encontros realizados com nossos sujeitos de pesquisa, professores de língua portuguesa de ensino médio da rede pública paranaense de ensino, discutimos sobre as implicações teórico-metodológicas de se assumir os gêneros discursivos como objetos de ensino e como eixo de articulação e de progressão curricular, enfatizando-se o ensino gramatical contextualizado às práticas de leitura e de produção textual.

No transcorrer dessas reuniões, os professores se mostraram interessados em elaborar um projeto didático com o gênero crônica. Após muitas sugestões, chegamos ao consenso de que para iniciarmos tal tarefa, em função da amplitude do próprio gênero, seria necessário delimitar alguns autores. Decidiu-se que iniciariamos com o cronista Luís Fernando Veríssimo (doravante LFV), por sua produção ser conhecida pelos alunos, já que muitas de suas crônicas circulam em materiais didáticos.

Assim, neste artigo configuramos o contexto de produção de crônicas de LFV, publicadas no jornal *O Estado de S.Paulo*, nos meses de maio e junho de 2008, a partir da reflexão sobre os movimentos dialógicos estabelecidos com os discursos já-ditos (elos anteriores) e os pré-figurados (os elos posteriores). Para alcançar esse objetivo, organizamos este texto do seguinte modo: primeiramente, discutimos sobre o contexto de produção, na visão de Bakhtin; em seguida, apresentamos questões metodológicas de análise do método sociológico, ancorados em Rodrigues (2005), para depois discutirmos aspectos teóricos do gênero discursivo crônica e sua dimensão social - o contexto de produção.

2 O contexto de produção na visão bakhtiniana

As idéias fundadoras do Círculo de Bakhtin, em específico, as presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem*, ao criticarem as duas principais teorias linguísticas em curso no seu tempo, a do objetivismo abstrato e a do subjetivismo individualista, Bakhtin/Volochinov (1992, p. 123) construiu a base de sua epistemologia linguística. Nesse sentido, inverte valores da linguagem e da língua cristalizados até aquele momento, ao argumentar que a língua é um signo ideológico, afirmando:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Dessa forma, observamos a importância das noções enunciado/enunciação na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos envolvidos (Brait e Melo, 2005).

A partir dessa perspectiva, a linguagem não representa meramente a realidade, mas cria no mundo estados de coisas novas. Passa a ser compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica, enfatizando-se sua ação interativa, uma vez que toda enunciação é uma resposta a alguma coisa e por isso “Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com ela, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 98).

Essa perspectiva enfatiza o caráter dialógico de toda enunciação. Ou seja, não existe enunciado fora de um contexto de produção. De acordo com a visão bakhtiniana, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do próprio interior, a estrutura da enunciação” (idem, p. 113). Como contexto mais imediato pode-se inferir o meio social do micromundo (por exemplo, a família, a cidade, ...) e contexto social mais amplo como o sócio-histórico (por exemplo, as relações sócio-econômicas, culturais de uma sociedade, ...). Esses contextos não se encontram justapostos, como se fossem independentes e indiferentes uns aos outros, pelo contrário, encontram-se em uma situação de interação e de conflito ininterrupto.

Nesse contexto específico de interação, a escolha dos recursos expressivos no processo de construção de um enunciado concreto se dá no rol de outros enunciados, determinados por suas esferas de comunicação. Portanto, a fim de se evitar o caos comunicativo, a sociedade “elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p.262). Esses gêneros discursivos funcionam como mediadores entre os interlocutores na situação de interação, e apresentam três dimensões indissolúveis e interdependentes: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Bakhtin (2003, p. 283) nos explica que os gêneros são aprendidos com a linguagem, por meio de enunciados concretos:

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (...). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala.

Diante da enorme heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (idem) reconhece haver uma dificuldade de se definir a natureza geral do enunciado. Propõe que se atente para a diferença, que não é funcional, entre o que ele chama de gêneros discursivos primários e secundários. Aos primários se refere aos gêneros que pertencem à esfera do cotidiano (ideologia do cotidiano), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata, principalmente, nas de oralidade. Os secundários são os que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo, relativamente muito desenvolvido e organizado, sobretudo na escrita, aqueles que pertencem às esferas dos sistemas ideológicos constituídos da arte, religião, ciência, política, ... Na interpretação de Machado (2005a, p.155), “nada impede que uma forma do mundo cotidiano possa entrar para a esfera da arte, por exemplo. Em contatos como esses, ambas as esferas se modificam e se complementam”.

Com essa classificação dos gêneros discursivos por esferas da atividade humana, o autor postula haver um vínculo orgânico e indissolúvel entre o estilo e o gênero: “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (BAKHTIN, 2003, p.66). Assim, como já mencionamos, os gêneros discursivos se materializam no que se denominou de enunciado concreto, que possui três particularidades: a alternância dos sujeitos falantes (interlocutores); o acabamento do enunciado e a condição de elo na cadeia da comunicação verbal.

A alternância dos interlocutores delimita as fronteiras de cada enunciado e as réplicas dos diálogos, no sentido amplo, são os fins e os inícios absolutos. Se toda enunciação é o produto da situação de interação de dois indivíduos socialmente organizados (os interlocutores), temos, portanto, dois primeiros elementos constituintes do contexto de produção: o interlocutor e o locutor. Esse interlocutor não é entendido como mero ouvinte passivo, mas sim, como participante ativo da interação, uma vez que todo locutor espera dele uma resposta, uma compreensão responsiva. Para Bakhtin/Volochinov (1992, p.112), é necessário supor a existência de um “horizonte social definido e estabelecido, que determina a criação ideológica do grupo social a que pertencemos”. É por isso que se defende a ideia de não poder existir um interlocutor abstrato, já que o interlocutor ideal encontra-se inserido em um horizonte social. O acabamento do enunciado se concretiza no momento em que o locutor/autor disse/escreveu “tudo” o que queria ou podia, em determinadas condições. A palavra procede de alguém (locutor/falante/autor), contudo, esse locutor não é um “Adão mítico” (BAKHTIN, 2003, p. 300), que nomeia as coisas pela primeira vez. Somos sujeitos de uma relação sócio-histórica e se podemos pensar em “criação” na linguagem, é só pelo viés da resignificação à luz dos condicionamentos sociais.

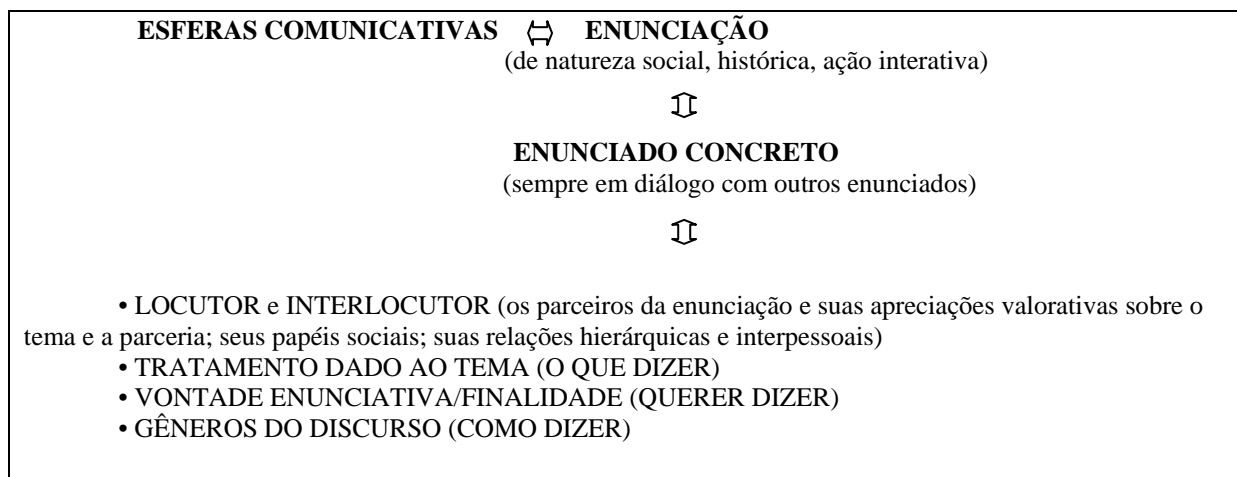
Conforme Bakhtin (2003, p.293), “(...) as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais”. Em função dessa característica “individual-contextual”, para o falante/locutor, a palavra existe em três aspectos: como palavra da língua neutra, a que não pertence a ninguém; como palavra alheia dos outros, a cheia de ecos de outros enunciados; como a minha palavra, a que está arraigada da minha expressão. Assim, podemos descobrir no enunciado as palavras do outro, como palavras explícitas, ocultas ou semi-ocultas, com graus diferentes de alteridade. É importante ressaltarmos a ideia de que, neste caso, a palavra atua como expressão de certa apreciação valorativa do locutor/autor.

Por sua vez, o grau de acabamento de um enunciado que possibilita uma resposta, a compreensão responsiva, é determinado por três aspectos interdependentes: o tratamento exaustivo do tema; o querer dizer do locutor; as formas típicas de estruturação do gênero. Nesse sentido, a apreciação valorativa do locutor a respeito do tema e do(s) interlocutor(es) de seu discurso é que indica as diversas nuances ideológicas refratadas no tratamento dado ao tema, refletidas na escolha das formas e do estilo do enunciado.

A terceira particularidade do enunciado se constitui no seu estado permanente de diálogo com outros enunciados, já comentado anteriormente, pois como elos da cadeia de comunicação, os enunciados refletem-se uns aos outros, reluzem matizes dialógicos, são sempre uma resposta a

outros. Como se pode ver, os gêneros discursivos existem no contexto do dialogismo, de vozes sociais que se põem em contato (concordam , discordam , refutam, ...) na produção dos enunciados.

Podemos esquematizar essas relações dialógicas entre os parâmetros da situação de produção dos enunciados (aqui também denominada de contexto de produção), assim como alguns autores já o fizeram (ROJO,2005), da seguinte forma:



Nesse sentido, Rojo (2005, p.199), ao explicar a ordem metodológica para o estudo da língua na abordagem sociológica bakhtiniana, defende que :

aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros discursivos partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e temas discursivos - e, a partir desta análise, buscarão as marcas lingüísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Assim, é a essa análise dos aspectos sócio-históricos - denominada aqui de contexto de produção - que nos engajamos adiante. Faz-se necessário esclarecermos que, embora saibamos que esses momentos de análise são interligados pelo próprio funcionamento do gênero nas diversas interações, a análise das marcas lingüístico-enunciativas será apresentada em outro trabalho¹ para atender o modo de organização deste artigo. A seguir, tecemos uma breve exposição sobre alguns procedimentos metodológicos adotados.

¹ Este artigo é fruto da comunicação coordenada “Análise lingüística: uma abordagem via vozes discursivas” e mantém um vínculo com a discussão proposta na comunicação “Gênero discursivo crônica: um estudo de seus movimentos dialógicos”, cujo objeto de análise foi a dimensão verbal da crônica.

3 Algumas questões metodológicas

Em busca de uma metodologia para analisar e configurar o contexto de produção do gênero selecionado, adaptamos a proposta de Rodrigues (2005), que, ao apresentar análise de um gênero jornalístico, baseando-se no método sociológico para o estudo do enunciado (Bakhtin/Voloshinov, 1992), propõe momentos diferenciados de análise para a interpretação do processo de constituição e de funcionamento do gênero. O primeiro consiste no estudo da sua esfera comunicativa, observando-se o modo de constituição e de funcionamento do gênero em estudo. O segundo momento, centra-se no estudo do gênero em si, por meio da análise de suas dimensões social e verbal.

No nosso caso, quando nos voltamos para a dimensão social da crônica, incluímos os seguintes aspectos: a relação entre a esfera jornalística e a crônica; o locutor, o interlocutor e suas apreciações valorativas sobre o tema e a sua parceria, seus papéis sociais, suas relações hierárquicas e interpessoais; o horizonte temático; a vontade enunciativa do locutor.

Além disso, no caso de se tomar o gênero crônica como objeto de ensino em situação de formação continuada, também nos valem da contribuição de alguns trabalhos acadêmicos ancorados nas teorias linguísticas, discursivas/enunciativas e literárias que tematizam sobre a crônica.

4 Aspectos teóricos sobre o gênero crônica

Como já delimitamos anteriormente, julgamos importante para os nossos objetivos, antes de abordar especificamente as crônicas do *corpus* deste trabalho, apresentar alguns aspectos da produção de conhecimentos sobre o gênero em foco. Para tanto, recorreremos a teóricos da área da literatura, a pesquisadores da área discursiva e também a teóricos do jornalismo.

Em sua dissertação de mestrado, Madeira (2005) avalia a crônica como um “gênero brasileiro” – uma vez que foi aqui que se estabeleceu com as características atuais –, e por isso mesmo traz consigo algumas peculiaridades próprias do povo que a consagrou. Entre essas peculiaridades, nesse momento, encontra-se o fato de poder ser definida tanto com o rigor teórico dos pesquisadores quanto com a descontração e a criatividade dos escritores, ótica que, segundo a visão da autora, parece ter sido mais tratada.

Dessa forma, explica que a crônica é hoje reconhecida como um gênero literário estreitamente ligado ao jornalismo, pois foi a partir do desenvolvimento da imprensa no Brasil, em meados do

século XIX, que ela começou a assumir a sua configuração atual. Referindo-se aos estudos de Afrânio Coutinho sobre a crônica, a autora destaca o fato de que, ainda nesse período, os jornais publicavam um artigo de rodapé, *o folhetim*, que tratava das questões do dia, abordando os mais diversos assuntos, entre eles: literatura, política, artes, sociedade. Posteriormente, essa denominação passou a ser dada à seção do jornal em que se publicavam todas as formas literárias, e o texto, antes assim chamado recebeu o nome de crônica e o seu autor, o de cronista.

Essa mesma posição é sustentada também por Schneider (2008, p.3), cujo trabalho pertence à esfera dos estudos da área de História, e pode ser identificada na seguinte explicação:

De forma geral, foi a partir do folhetim – uma espécie de gazeta onde inicialmente se publicavam romances – que a crônica – cuja palavra originária do grego *chronikós* faz referência ao tempo *chrónos* – emerge em suas múltiplas possibilidades. De uma feição ligada especificamente ao gênero histórico – onde os cronistas, principalmente medievais, relatavam os grandes feitos dos heróis ou dos príncipes – à relação com a literatura e o jornalismo ao longo do século XIX, a crônica fixa-se no Brasil e aqui assume uma conotação de gênero caracteristicamente brasileiro.

Em relação às peculiaridades da crônica moderna, Neves (1995, p.20) destaca a importância do jornal para a configuração desse gênero, uma vez que, na maioria das vezes, seu primeiro suporte são as efêmeras folhas de um jornal, e não as perenes páginas de um livro. Daí, ela funcionar como comentário quase impressionista sobre o real vivido e apresentar um tom leve, em busca sempre de ser acessível a todos os leitores. Ainda na visão dessa autora, a questão temática é supostamente arbitrária e sua forma é “caleidoscópica, fragmentária e eminentemente subjetiva”.

Diante da visão de Sá (1985), pontuamos que a veia jornalística imprime à crônica fugacidade e um traço popular que se opõem ao caráter eterno e elitista do gênero literário. Possivelmente, por essas características, a crítica, em geral, considere a crônica como um gênero menor. Sobre esse assunto, A esse respeito Moisés (1982) referencia que o objetivo da crônica está em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtudes latentes, sendo o cronista o poeta ou ficcionista do cotidiano que desentranha do acontecimento sua porção imanente de fantasia. Para Myszak e Teixeira (2008, p. 1841) “um bom uso da linguagem, uma boa história, com um enredo e personagens com os quais o leitor se identifique, uma boa pitada de humor ou um lirismo que comova, tudo isso faz com que uma crônica seja única”.

Sá (1985, p.10-11) também ressalta a natureza jornalística da crônica, argumentando que o seu estilo aligeirado, simples, decorre do fato de que ela surge primeiro no jornal, e, portanto,

assume o caráter transitório desse suporte. Muito interessante é a explicação fornecida pelo autor sobre seu perfil estilístico, como podemos observar na citação abaixo:

(...) esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas (do jornal) em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados, que lêem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou raro momento de tregua que a televisão lhes permite. Sua elaboração também se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para preparar seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala enfumaçada de uma redação. Mesmo quando trabalha no conforto e no silêncio de sua casa, ele é premido pela correria com que se faz um jornal, (...). À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito.

Esse caráter transitório, na visão jornalística de Melo (2002, p. 147), é manifestado porque ela situa-se na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como “um relato poético do real”. Nesse sentido, o cronista empresta o lirismo ao resgate de nuances do cotidiano, contendo ingredientes de crítica social. De acordo com esse autor, é o palpite descompromissado do cronista que fornece ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos nem sempre revelada claramente pelo repórter ou articulista. É por essa razão que a crônica exerce um fascínio em seu público leitor.

Em Coutinho (1986) essa atitude “descompromissada” do cronista é entendida como uma estratégia discursiva, já que, para o cronista, o tom de conversa e de bate-papo se apresenta como garantia de um diálogo mais ou menos permanente com o seu leitor. Ainda que suas opiniões não devam assumir um caráter de verdades incontestáveis, para não afugentar os leitores que delas discordam, será a sua habilidade a responsável por fazer o leitor assimilar, sem que o perceba, as idéias defendidas.

Já Letria e Goulão (*apud* Melo, 2002, p. 151) acrescentam a ideia de que a partir dos fatos, o cronista dá vazão aos seus sentimentos e com legitimidade pode entrar no domínio da ficção. Dessa forma, o real e o imaginário misturam-se por meio da associação de ideias, do jogo de palavras e conceitos, das contraposições, realçando o mundo real. Ainda segundo esses teóricos, a crônica exerce uma influência na formação de correntes de opinião porque ela aligeira os jornais, muitas vezes sobrecarregados com fatos. Os leitores se identificam com a reação pessoal contida na crônica, que se configura pelo humor, ironia, elogio emocionado, enfim, por todas as formas de sentimentos.

Contudo, essa proximidade da crônica com a literatura nem sempre lhe confere o *status* dos gêneros literários e a avaliação de ser um gênero menor dentro da literatura é sustentada por

muitos críticos literários. Para Melo (2002, p. 152), essa avaliação não deve significar a sua desvalorização, mas sim, a identificação como um gênero eminentemente jornalístico que se configura pela ligeireza, superficialidade, simplicidade, coloquialismo e efemeridade.

Essas visões teóricas apresentadas até aqui nos fazem constatar o quanto é amplo, flexível, e até mesmo, ainda, indefinido o conceito e a caracterização do gênero crônica.

5 O contexto de produção: dimensão social da crônica

Como vimos na seção anterior, há teóricos que consideram a crônica como um gênero jornalístico, outros, um gênero literário. No caso deste trabalho, por considerar que ela nasce no jornalismo, somos levados a refletir sobre alguns aspectos dessa esfera comunicativa.

Bussarello (2004, p. 65) trata disso ao fazer um panorama do modo de constituição e de funcionamento da comunicação jornalística em meio a nossa sociedade. Após tratar de alguns aspectos históricos da evolução desse tipo de prática social, afirma que “o jornalismo passa a ser, na era da globalização, mais um produto de consumo cuja ideologia serve ao capitalismo”. Nessa perspectiva, a função social do jornalismo dilui-se em meio ao caráter comercial assumido. Atualmente, diante desse perfil comercial, ideológico e político da grande maioria dos jornais, a formação de leitores críticos não estaria garantida com o fato da leitura assídua de jornal, uma vez que esse leitor pode se tornar alienado por conhecer somente o que a ideologia defendida pelo jornal deseja que ele pense. Muito mais do que informação, a empresa jornal vende interesses ideológicos.

Como um bem de consumo de nossa sociedade capitalista, o jornalismo tem que desenvolver estratégias que garantam sua venda. Entre elas, Bussarello (2004, p. 67) comenta sobre a existência de gêneros jornalísticos, assim como na época dos folhetins, que são o entretenimento, a diversão necessários para a comercialização dos periódicos, e nessa linha de argumentação, conclui:

Essa interação com o leitor (que passa a ser também escritor) como mecanismo de persuasão para a venda do jornal pode representar, na pretensão de divertir, ou na despretenção aparente do discurso, uma abertura antes para a reflexão sobre a ideologia dominante do que para diversão.

Entre esses gêneros, como vimos anteriormente, a crônica cumpre com essa função jornalística de entretenimento, e é por isso que também apresenta uma natureza literária, pois

o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor. Como diz Costa (2008, p.73), “É a literatura do jornal. O jornalismo da literatura. (...). É, pois, a expressão-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir”. Assim, consideramos que esse caráter híbrido constitui a crônica.

Diante disso, é importante lembrarmos da especificidade da crônica que circula em coletâneas literárias, porque esse espaço de circulação não é mais o jornalístico, e, por isso, nessa situação se aproxima mais da esfera literária. Myszak e Teixeira (2008) assinalam que a crônica deixa de ser jornalística e se torna literária quando, ao sobreviver ao tempo, se torna atual mesmo anos mais tarde de sua publicação em jornais. Contudo, neste trabalho não tratamos dessa situação, uma vez que as crônicas selecionadas circularam em um jornal.

De forma geral, a crônica, assim como os outros gêneros jornalísticos, ocupa um lugar fixo no interior do jornal. Em relação às crônicas de LFV publicadas no *O Estado de S. Paulo*, há uma sistematicidade quanto a sua “topografia”. É relevante observar que elas ocupam um espaço do Caderno 2 Cultura, destinado, como o título indica, aos textos sobre literatura, cinema, teatro. Quanto ao espaço de publicação, localizam-se na parte superior da última página desse caderno, lugar de grande importância no jornal, por ser a parte da página que recebe primeiramente a atenção do leitor, de acordo com informações obtidas com profissionais do jornalismo. Tal localização garante às crônicas um status relevante quanto a sua capacidade de mobilização do leitor. Quanto à forma de apresentação, mantém-se sempre em destaque a identificação da autoria por meio de letras em “caixa-alta” – VERISSIMO – na parte superior esquerda, acima do título da crônica, acompanhadas de uma foto do autor e de citações entre aspas, retiradas da crônica. Esses elementos espaciais são constitutivos do gênero, porque indicam o lugar da sua ancoragem ideológica, delimitando a que parte do universo temático do jornalismo ele se refere, qual o seu horizonte temático, sua finalidade de interação.

Nessa seção Cultura, a crônica de LFV ocupa o lugar de um gênero que historicamente tem seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais do cotidiano, que normalmente, são vistos como cenas corriqueiras. Os participantes da interação assumem e reconhecem esse trabalho criativo, ficcional e sensível do autor.

O horizonte temático das crônicas de LFV refere-se às relações humanas, como o próprio autor assume em uma entrevista: “A principal matéria-prima para a crônica são as relações humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido” (<http://revistalingua.uol.com.br>).

Nesse sentido, podemos observar que as crônicas do *corpus* apresentam temas relacionados às relações humanas instauradas nos mais diversos ambientes sociais. Abaixo, apresentamos um quadro-resumo que visualiza as escolhas temáticas do autor no período em que coletamos os textos (os domingos dos meses de maio e junho de 2008):

Datas de publicação	Títulos das crônicas	Temas
4/05	A serpente Pai e filho Mãe e filha	<ul style="list-style-type: none"> • Relação do homem com a vida: o que levou a humanidade à infelicidade. • Relação entre pai e filho: a falta de diálogo entre essas gerações. • Relação entre marido e esposa: o conselho da mãe para a filha sobre como conseguir a felicidade no casamento.
11/05	Tétrica aritmética	Relação do homem com o poder: as justificativas, na perspectiva de políticos/governantes, das guerras/conflitos civis.
18/05	Parados	Relação do homem com o tempo: o motorista de táxi, durante o engarrafamento, atua como “psicólogo” de seu passageiro.
25/05	Meu zeloso guardador	Relação do homem com a fé e com a política: ao final de uma conversa imaginária com seu anjo da guarda, o protegido pede proteção ao presidente Lula e seu ministério.
1/06	O Sandrão	Relação do homem com a justiça: um grupo de homens matam, por engano, um forasteiro em nome da justiça.
8/06	“Frutijas ausentes”	<ul style="list-style-type: none"> • Relação do homem com o outro: de forma egoísta, a mulher gripada espirra para contagiar outros. • Relação do homem com a infidelidade feminina: os sentidos da expressão “conhecido anfitrião”. • Relação do homem com a inveja: um chef de cozinha internacional cobra muito caro a um grupo de pessoas ricas para servir pratos vazios, e esses fingem que comeram para serem invejados.
15/06	Mordiscar não é morder	Relação do homem com o amor: a mudança de valores dos rituais do casamento pela ação do tempo.
22/06	De Juan Tizol a Barak Obama	Relação do homem com o preconceito: a candidatura de

		Obama e seu significado em relação ao preconceito racial americano.
29/06	Disfarces	Relação do homem com a verdade: um crítico de restaurantes, por causa dos seus disfarces, é confundido com um bandido.

Refletindo sobre as relações dialógicas desse processo discursivo, podemos considerar que a emergência dessas crônicas constitui uma reação-resposta a enunciados do discurso hegemônico instaurado em nossa sociedade neoliberal que, em termos gerais, desvaloriza a humanização do Homem (o já-dito). De forma a contemplar a dupla orientação desse gênero, o cronista busca a reação-resposta ativa de seu interlocutor, construindo o seu acento de valor a partir da imagem de um leitor que ainda busca/acredita em tal humanização.

A concepção de autoria do gênero crônica está articulada com a posição privilegiada que o autor ocupa tanto no cenário sociopolítico quanto no artístico-literário. Tratando-se da figura social de LFV, essa imagem é construída no cenário artístico-literário, onde ele é legitimado socialmente como “O autor que é uma paixão nacional. A arte de fazer uma radiografia bem-humorada da alma do brasileiro transformou LFV num campeão da literatura” (Veja, 12/03/2003). Quanto ao estilo de LFV, Machado (2005, p. 10) enfatiza que ele possui um magistral domínio da linguagem e do ritmo da narração, com uma admirável economia no uso das palavras, com diálogos que “dão até impressão de que saíram de uma fita gravada”. Diante dessas considerações, pontuamos que Verissimo, ao tratar com humor e refinada ironia sobre temas do cotidiano que enfocam as diversas relações humanas, é reconhecido e legitimado socialmente como o autor da ironia e do humor.

A autoria não diz respeito à pessoa física, mas sim, a uma posição de autoria inscrita no próprio gênero. A crônica é redigida por um cronista convidado pelo jornal, que representa a figura de um escritor que fala sério brincando ou que brinca quando fala sério. No caso de nosso *corpus*, o lugar social que LFV representa é a de um cronista que apresenta uma visão recriada da realidade tanto por parte de sua capacidade ficcional e/ou de comentarista, via humor e ironia.

Ana Maria Machado, na apresentação do livro *Comédias para se ler na escola* (2005, p. 10), pontua que os temas de LFV são o cotidiano, em especial na intimidade. Mas a autora assinala que os temas não são o mais importante em suas crônicas e sim o modo como elas são construídas:

Sobre qualquer assunto e a qualquer pretexto, o autor revela suas obsessões, fala das mesmas coisas, preocupa-se com o social e o ético, despreza solenemente o econômico... e encontra sempre uma maneira nova de fazer isso, como se nunca o tivesse feito antes. As situações podem ser cotidianas, mas os ângulos geralmente são insólitos e inesperados. Ou então, reforçam o já esperado, mas com tão exatas pítadas de exagero que a caricatura até parece um retrato realista pelo avesso, em que o lado cômico é revelado em sua verdadeira grandeza e o sentido profundo aparece com nitidez.

Na crônica, o tom humorístico, irônico e despretensioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Como sabemos, atrás da ironia existe um jogo político e ideológico onde se permite que as críticas sociais, as deprecições, as difamações sejam feitas sem causar muita tensão entre os interlocutores. Assim, podemos considerar que a finalidade discursiva se orienta para a reflexão do interlocutor, via provocação do riso.

O uso dessa estratégia discursiva institui nessa situação de interação um leitor que deve “descobrir” as surpresas presentes nos textos. Assim, o interlocutor é o leitor da classe letrada, um público-alvo específico e reduzido, considerando as condições financeiras da classe assalariada. Bussarello (2004, p.79), a esse respeito, argumenta que:

escreve-se para uma cultura letrada, por isso, o discurso irônico presente na despretensão pode ser muito mais sarcástico e mordaz que se dito com todas as palavras. Talvez justamente aí esteja a riqueza da crônica, porque trabalha essencialmente com a contrapalavra do interlocutor.

6 Considerações finais

Após o estudo realizado do *corpus*, gostaríamos de ressaltar que o papel social assumido pelo cronista é de divertir seu leitor, provocar primeiro seu riso e depois a reflexão. Portanto, não cai nem na banalidade e nem no superficialismo barato. Revela ser um conhecedor da “alma do povo brasileiro”, como é reconhecido socialmente, pois brinca com o assunto sem deixar de abordá-lo de uma maneira envolvente e profunda.

O papel social do leitor revelado discursivamente é aquele que, por não se contentar apenas com a informação, quer sobre ela refletir, e por isso busca outras opiniões que com as suas dialogue. Assim, as crônicas têm um público específico, determinado pelo enunciado, não só quanto a sua maior ou menor complexidade, mas, ainda, pelas temáticas variadas de que trata e que demandam uma tal diversidade de conhecimentos.

Como já afirmamos, na crônica, o tom humorístico, irônico e despretensioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom

autorizado) e da sua atitude valorativa. Dessa forma, o uso da ironia revela discursivamente uma atitude ousada do autor, uma vez ser símbolo do risco que ele se dispõe a correr na defesa de seus pontos de vista, ou ainda na intenção de despertar criticamente o leitor, prevendo um leitor não apenas desejoso de com ele interagir, mas suficientemente competente para fazê-lo.

Entendemos que o estudo do contexto de produção do gênero em foco é condição necessária para a produção de sentidos ao discurso materializado nos textos. Nesse sentido, essa análise de nível sociológico dos textos parece ser fundamental para a formação do professor de língua materna, principalmente para o momento de elaboração de material didático, ou do planejamento de aulas. Assim, é a partir dessa configuração social da situação dessas condições de produção da crônica, que pretendemos desenvolver conjuntamente com os professores-sujeitos de nossa pesquisa a análise referente a sua dimensão verbal, para somente após esse processo, discutirmos sobre a seleção de textos e a elaboração de uma proposta pedagógica de análise lingüística para o ensino médio.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAKHTIN, M / VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunicação. In: Brait, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-78.

BUSSARELLO, J.M. **O ensino/aprendizagem da produção textual escrita n perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica**. 2004. 195 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Disponível :http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte : Autêntica , 2008, p. 70-73.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil – relações e perspectivas**. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: EDUFF, 1986. v.6.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B.. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo:Contexto, 2005 a, p.151-166.

MACHADO. A. M. Bom de ouvido por Ana Maria Machado. In: VERISSIMO, L. F. **Comédias para se ler na escola**. Edição especial para crianças (apresentação e seleção de Ana Maria Machado). Rio de Janeiro: Objetiva, 2005 b, p. 7-11.

MADEIRA, A.M.G. **Da produção à recepção: uma análise discursiva das crônicas de Luís Fernando Veríssimo**. 2005. 106 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Disponível:www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR6ACH9P/1/anamaria_ginimadeira_diss.pdf.

MELO, J.M. A crônica. In: CASTRO, G.;GALENO,A.(orgs).Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. SP:Escrituras,2002, p.139-154.

MOISÉS, M. **A criação literária**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MYSZAK, R.; TEIXEIRA, N. R. B. **A crônica de guerra de Rubem Braga**. In: Anais do II Congresso Nacional de Linguagens em Interação, Universidade Estadual de Maringá, 2008, p. 1839-1845.

NEVES, M.. História da crônica. In: REZENDE,B,(org). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olímpio:CCBB,1995, p. 17-31.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.).**Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.).**Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo:Ática,1985.

SCHNEIDER, C.I. **Crônica jornalística**: um espelho para a história do cotidiano? Disponível:www.fag.edu.br/adverbio/artigos/cronica_jornalistica.pdf. Acesso em: 15/05/2008.

Sites consultados:

www.estadao.com.br/index.htm

www.lfv.com.br

<http://revistalingua.uol.com.br>

<http://veja.abril.com.br/120303/sumario.html>

